



VII PERIÓDICO



POESIA, CONTOS
E CRÔNICAS 2025



UCP

VOLUME 7, 2025

Comissão Editorial

Inez Maria Stasiak
Jefferson Silvestre Alberti dos Santos
Tatiani Maria Garcia de Almeida

Revisão

Inez Maria Stasiak

Organização

Diogo Francisco Antunes
Inez Maria Stasiak
Jefferson Silvestre Alberti dos Santos

Diagramação

Jefferson Silvestre Alberti dos Santos

Capa

Jefferson Silvestre Alberti dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P745p

Poesias, contos e crônicas / Faculdade de Ensino
Superior do Centro do Paraná – UCP. 7. ed. – Pitanga, 2025.
34p.

ISSN 2675-5556

1. Poesias. 2. Contos. 3. Crônicas. I. Faculdade de Ensino
Superior do Centro do Paraná - UCP.

CDD-869.1

SUMÁRIO

“Amor no olhar” (Conto)	4
<i>Andreia Morena de Mello Murbach (Murbaquinha)</i>	
“O rosario da rosário” (Poesia)	8
<i>Andreia Morena de Mello Murbach (Murbaquinha)</i>	
“Sobrou a araucária” (Crônica)	9
<i>Andreia Morena de Mello Murbach (Murbaquinha)</i>	
“Toda existência é uma prova” (Crônica)	10
<i>Andreia Morena de Mello Murbach (Murbaquinha)</i>	
“O Tribunal Invisível” (Poesia)	13
<i>Diogo Kravetz (Kravetz D.)</i>	
“Quanta coisa para viver!” (Crônica)	14
<i>Elisangela Goldacha (Quimera)</i>	
“Meu violão” (Poesia)	15
<i>Gislaine Monegate Faria (Laine)</i>	
“Anteontem” (Poesia)	16
<i>João Tiago Gaspar Cozechen (Tiago Cozechen)</i>	
“Depois” (Poesia)	17
<i>Keila Lorente Xavier (Keila)</i>	
“Vozes da Inocência” (Poesia)	18
<i>Kevin Ferreira dos Santos (Kevin Ferreira)</i>	
“A Palavra” (Poesia)	20
<i>Larissa Volf Jacente (Lari Volf)</i>	
“As transições da cultura” (Crônica)	21
<i>Luiz Arnaldo Buchmann (Buchmann)</i>	
“A vida” (Poesia)	24
<i>Maria Eduarda Cogorni (Tizott)</i>	
“Mestres da Vida” (Poesia)	26
<i>Mayra Vitória Marques de Lanes (Vitória Marques)</i>	
“In memoriam” (Poesia)	28
<i>Salete de Oliveira Krieger (Salete Krieger)</i>	
“A noite me reconhece pelo nome” (Poesia)	29
<i>Sarha Lauriane de Camargo da Silva (Zyo)</i>	
“Lembranças perdidas” (Poesia)	31
<i>Sidiney Batista de Lara</i>	
“Monólogos comigo mesmo” (Poesia)	32
<i>Sidiney Batista de Lara</i>	

AMOR NO OLHAR

Ela corria, corria e parava.

Punha as mãos na cintura e gritava, você não me pega, você não me pega.

Seu vestidinho vermelho, suas coxas grossas, e seu olhar marcante.

A menina de cinco anos jamais parava de sorrir.

Cabelos castanhos, olhos castanhos e um sorriso que ia além dos lábios, seus olhos sorriam.

O gurizinho de cabelos de anjo, olhos castanhos e corpo esguio dizia:

Eu nem vou correr, quando você menos esperar, eu te pego.

Eles sorriam um para o outro.

Ele era mais alto que ela apesar de ter apenas cinco anos também.

Era espertinho, não gostava de correr muito.

Ela amava provoca-lo.

Você não me pega, você não me pega...

Assim eram os dias dos anjos Miguel e Ana.

Um dia porém eles estavam correndo e pulando na rua de casa.

E ela gritou, nãããããããoooooooo.

Miguel gritou onde você está?

O que aconteceu.

Ela dizia aqui?

Aqui, aonde?

Aqui!

Repentinamente ele viu só sua pequena mão, atrás de um grande arbusto.

Ele correu até lá.

Mas não alcançou.

Um homem a levava enquanto ele gritava desesperado, larga ela, larga ela.

Vendo que nada podia fazer pela amiga, começou a gritar na rua,

mããããããeeeeee, paaaaai, socorro.

Seus pais saíram quase que de imediato.

O que há menino.

Aquele homem levou a Ana.

Que homem perguntava sua mãe em desespero.

A filha da amiga que cresceu junto com Janaína.

Aquele homem altão, que estava no boliche no domingo, lembra?
Meu deus grita seu pai, temo de avisar a polícia.
Saem correndo até a delegacia com Janaína com o filho nos braços e
Hamilton, na direção do carro.
O SCORT XR3 verde da família.
Ao chegar à delegacia o menino sai na frente correndo e fala ao delegado seu
Xavier me ajude o homem do boliche roubou a Ana.
O que você está dizendo menino, fale mais devagar.
A mãe dele diz:
Deixe que eu explico para o delegado filho.
O senhor conhece o Hélio da Vanilda?
Sim ele pegou a aninha e levou com ele a força, meu filho fez um escândalo.
Quando vimos ele já estava longe, não o alcançamos, sabemos que tomou a
direção da capital.
Minha nossa ele é muito perigoso.
Avisem a polícia militar e a polícia rodoviária o Hélio pegou uma menina da
cidade, ele é um criminoso muito perigoso.
Enquanto isso no carro de Hélio, Ana está tentando escapar do homem e
dizendo, você, vai ver meu pai vai vim me buscar e ele vai bater muito em
você.
Seu pai é um bundão Aninha.
Agora você vai ser minha, para sempre e vai ter de fazer tudo o que eu
mandar.
Não faço não.
Você é mau.
Os pais de Miguel correm a casa de Gisela e contam a ela que é mãe da
menina o ocorrido.
O pai da criança vem chegando do serviço bem na hora que Gisela começa a
gritar de desespero.
Ele entra na casa esbaforido e pergunta o que está acontecendo.
Hamilton o pega pela mão e o leva para outro como da casa e conta o que
ocorreu.
Everton diz:

Eu sei para onde ele levou a minha filha.

Vem comigo.

Eu conheço aquele bandido desde menino.

Ele mexeu com a criança errada, agora ele vai ver o que é sofrer.

Na minha menina ninguém põe a mão.

Ele pega o Opala do ano e sai na direção que o amigo falou que o outro foi.

E vai andando, com o carro até que para numa casa velha de madeira e entra chutando a porta.

Quando entra o homem está com uma faca na mão e a menina amarrada na cadeira.

Ele se volta assustado.

Everton dá uma voadora em Hélio.

Que não esperava que o homem soubesse onde ele estava e nem uma reação violenta por parte deste.

Ele cai no chão enquanto Hamilton desamarra a menina e a leva para o carro do pai.

E fica lá com ela, enquanto Everton faz o home de saco de pancadas.

Quando estão regressando vem o carro da polícia rodoviária abordando os carros que passavam.

Everton para o carro e pergunta se estão parando por causa da menina e mostra a menina dele com ele e dá o endereço onde ele deixou o sequestrador da filha desacordado.

Os policiais vão até lá e descobrem o home desmaiado.

Mais muito mais que isso.

Varias coisas de crianças, roupas, calçados brinquedos e pedaços de corpos na casa.

Ele é preso.

Na volta para casa Aninha corre abraçar o amigo e dizer obrigada, por ele ter chamado os adultos para ajudarem-na.

E promete que nunca mais vai correr e dizer você não me pega para ele, porque ele é seu melhor amigo.

Essa é a única lembrança que tenho da minha infância diz Muriel, que viu a cena toda.

Do sequestro ao desenrolar da história.
Ele filho de dona Tereza que morava ao lado de Aninha.
Já se passaram muito anos desde aquele dia.
Hoje todos somos adultos e quem imaginaria que eu ia me casar com aquela malandrinha da Ana.
E ter cinco filhos com ela.
Nisso uma jovem mulher vestida de vestido vermelho se aproxima e fala:
Vinte e cinco anos de casado com você, meu amor e você ainda não parou de contar o meu sequestro aos cinco anos.
Sabe o que é querida, você tinha tanto amor no olhar quando punha as mãos na cintura e falava para o Miguel, você não me pega, que eu já te admirava.
E o Miguel sempre te amou também.
No entanto o câncer o levou aos dezoito anos, mas eu ainda estou aqui.
Levanta as sobrancelhas e dá uma piscadela, a pega pela mão e a puxa contra o peito.
Todos no salão riem.
E os dois dão um longo beijo até começar a valsa.
Da festa de bodas de prata dos dois.
Viva os noivos!!!

Murbaquinha¹

¹ Escritora, formada em Artes Visuais e Secretariado, funcionária pública do município do Turvo no Paraná. Membro da Academia de Letras do Centro do Paraná.

O ROSARIO DA ROSÁRIO

O Rosario da Rosario,
Está guardado no armário.
Na gaveta do armário,
Que está o baralho.

As sombras da vida se embaralham,
Com a luz dos que trabalham.
Enquanto as contas se descontam,
Nas contas do rosário as contas da alma se desmontam.

Enquanto no canteiro as sementes são escondidas,
No rosário as sementes revelam que missas foram pedidas.
No rosário da rosário, saído do mundo do contrário,
Encontro a saída, da vida para a fé perdida, no cenário.

No cenário do teatro,
Vejo nele o retrato.
Com aquele que assinei meu contrato,
Num único ato.

Nas contas do rosário.
Da Rosario.
Que saiu para sempre do armário.

Porque o amor é raro.
E caro.
E por ele vivo de joelhos, com as mão fixadas no rosário.
Da Rosário...

Murbaquinha²

² Escritora, formada em Artes Visuais e Secretariado, funcionária pública do município do Turvo no Paraná. Membro da Academia de Letras do Centro do Paraná.

SOBROU A ARAUCÁRIA

Sobrou a araucária, para mim?
Para mim sobrou a araucária.
E a vida continua apesar de precária
Mas você está aqui apesar da faixa etária.

Eu te amo apesar da araucária
Ser precária.
E eu te amo apesar de continuar na mesma faixa etária.

O que mudou?
Mudou a matéria.
Virou bactéria.
Mas andou?
Andou, junto com a matéria e com a bactéria.

Murbaquinha³

³ Escritora, formada em Artes Visuais e Secretariado, funcionária pública do município do Turvo no Paraná. Membro da Academia de Letras do Centro do Paraná.

TODA EXISTÊNCIA É UMA PROVA

Tudo tem seu ônus e seu bônus

O bônus da existência de uns é o ônus da existência de outros.

Quem fica sem nada, imóvel fica sem contas para pagar.

Quem fica com tudo, o que é imóvel, fica com as contas a pagar.

Quem muitos, imóveis possui se pensa rico.

Mas a riqueza de quem nada possui é a liberdade de ir em frente sem olhar para trás.

Pois não está deixando nada para trás.

Deixar para trás os bens imóveis é muito difícil, quando não se olha o ônus que ela representa.

Todo imóvel tem custo, e muitas vezes, o custo é muito mais alto do que se desejava pagar.

Alguns são totalmente felizes sem nada, porque já entenderam, que o custo do ter é maior do que o custo do ser.

Será que quero o bônus da prova, que é chamada vida?

Será que é realmente bônus?

Ou o que muitos chamam bônus é o ônus da prova?

Aquele que pisa, bate, machuca, destrói, fere, pisa, humilha para ficar com o “bônus”, não se dá conta que o ônus é muito superior que o bônus, que ele acredita estar recebendo.

Pensa comigo.

Quem tem um apartamento, tem condomínio, algumas vezes prestação, água, luz, internet, telefona celular, imposto, e comida para pagar, quem tem dois, tem dois condomínios, duas águas...

Se você briga para ficar com tudo, da sua família para si, e deixa os outros sem nada porque você é mais merecedor que os outros, você está pagando a conta sozinho.

Isso é ser o merecedor de tudo.

Ter de pagar todas as contas sozinho?

Se você partilha os bens, você partilha as contas, mas se você quer tudo para si, as contas ficam apenas para você.

Você acredita que o bônus é teu.

E sequer se deu conta, que você ficou foi com o ônus.

Porque o bônus, e ter apoio, para seguir em frente e carregar a cruz.

E quem fica com tudo sozinho, carrega sua cruz sozinho.

Parece bônus, no entanto é ônus.

Você, deixou o outro lá embaixo, humilhado, ferido, pisado, machucado, para ter.

E o outro ficou no nada.

No nada de contas a pagar, nada de inveja a receber, nada de obrigação de compartilhar com você o ônus da prova.

Valeu a pena viver no “bônus”.

Foi bônus, mesmo?

Tem certeza?

Eu vejo, como peso, como urgência, como ônus.

Bônus, tenho eu, vivo, apenas isso, vivo.

Enquanto você coleciona ônus, eu coleciono bônus!!!!....

Pensa!

Reflete!

Perceba, eu vivo o ônus? Nada possuo, nem casa, nem carro, nem família, nem poder.

Sou o nada?

Não!

Sou sortuda, pois vivo o bônus.

Porque o ônus, ficou para você, tem de cuidar dos que me tirou, falando mal de mim, a todos, tem de pagar as contas que eu trabalhava duro para pagar e você tirou de mim os bens que eram meus por direito, tem de manter os cúmplices sempre de mãos molhadas, para não te denunciarem e você não cair do pedestal, que subiu, pisando no em mim.

Você chegou lá tem muito e eu sou a ninguém quem nada possuí, mas você ficou com todo o ônus da prova.

E eu sai chorando, sem nada, sem motivo para olhar para trás, nem para voltar atrás, mas descobri com isso, que o peso que eu carregava era teu, não meu.

E minha cruz aliviou, porque eu tinha só eu a contentar.

E aí só sobrou me o bônus, da prova.

Eu finalmente estou aliviada, descansada, em paz, já você...

Você ficou com ônus da prova.

Eu deito e durmo com meu ônus, você revira e não dorme com teu bônus.

Sou eu realmente que fiquei com o ônus, tem certeza????

Acorda, eu fiquei com o bônus.

Pensa!

Pensa, um pouco.

Tudo o que você construiu é bônus, mesmo???

Será!!!

Eu passei na prova e você?

Quando a prova terminou, se tornou ônus ou bônus?

A minha virou bônus.

Murbaquinha⁴

⁴ Escritora, formada em Artes Visuais e Secretariado, funcionária pública do município do Turvo no Paraná. Membro da Academia de Letras do Centro do Paraná.

O TRIBUNAL INVISÍVEL

Entre colunas de pedra, a lei se eleva,
perene, austera, insensível ao tempo que corre.
Os códigos brilham como estrelas frias,
mas o mundo se move abaixo, em silêncio,
desafiando cada parágrafo não cumprido.

A justiça veste véus de neutralidade,
mas não cega: observa, mede, calcula.
E no espaço entre a letra e a vida,
a desigualdade se insinua, persistente,
não registrada em livros,
mas sentida em cada instante que a lei não alcança.

É nesse interstício que floresce um tribunal secreto:
gestos que protegem, ações que salvam,
palavras que se tornam norma antes que o processo chegue.
A vida cria lei própria
onde a letra falhou,
onde a formalidade esqueceu de tocar.

O Judiciário na prática é sombra e espelho:
reflete ordem, mas esconde humanidade.
Quando se curva à experiência,
quando a lei toca o corpo e o tempo,
ela se torna ponte —
não muro.

E cada ato, cada assinatura tardia,
conta a história de um equilíbrio instável:
entre o que é prometido e o que é vivido,
entre o ideal e o mundo que insiste em existir.

Kravetz D.⁵

⁵ Acadêmico do Curso de Direito da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná – UCP.

QUANTA COISA PARA VIVER!

E eu só queria tudo...

Por anos as portas e janelas ficaram trancadas, era difícil até respirar. Os sonhos pareciam distantes e impossíveis, e para os que ouviam sobre eles ainda mais: -Em que mundo você vive? Você está sonhando alto demais!

O tempo passou e a persistência encontrou finalmente portas abertas, não foi fácil. Teve lágrimas de sangue, abandono, desamparo, desencontro... E mesmo assim o caminho ainda era esse, o de sonhar grande! O de se tornar gigante!

Quando as portas se abriram foram todas de uma só vez. E isso causou uma certa confusão. Quanta coisa para viver! E eu só queria tudo!

A gula não é permitida às mulheres, seja pelo controle do corpo, seja pelo controle da alma. **“Contenha-se!”**

Toda vez que uma pequena alegria vinha de encontro e tinha som e gosto de liberdade feminina. Mas esse mando não era meu, era muitas vezes de quem eu mais amava e confiava.

Religião; família...

Tive que aprender a confiar em mim, a ter esperança em mim, depois de arquivá-la por anos. Até então poder sentir com inteireza. Transbordar era errado, era melhor que eu me encolhesse e me moldasse ao mundo *desses 97% que pensam igual*.

Fui pioneira a ter coragem de pedir mais da vida, de acreditar que sim, eu merecia. Que se eu pudesse queria repetir os prazeres, escolher as portas abertas e destrancar muitas outras.

Então, depois desses anos todos, hoje, respiro e deixo o ar entrar e arejar minha alma inteira.

Quimera⁶

⁶ Escritora desde os seis anos de idade, em cadernos de jornadas, versos e experiências de vida. Professora do Colegiado de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná – UCP.

MEU VIOLÃO

Minhas folhas de papel estão em branco, repousam sobre a escrivaninha.

E gritam por qualquer palavra que as faça viver.

Meu violão está tão triste que já deixou de tocar, e encostado num canto

qualquer está, gritando e esperando por uma canção.

Por uma melodia que o faça reviver

Meus livros de tão gastos já não me servem mais.

Neles estão histórias de amor completamente irreais. Falam sobre amores que nunca irei encontrar.

E eles gritam

Esperando que novas lágrimas caiam sobre suas páginas amareladas.

Contudo agora não é mais tempo de chorar.

Nessa jornada.

Jogando e brincando com meu próprio coração!

Que meus pés estejam plantados no chão.

Mas que isso não me impeça de alcançar a imensidão.

Lágrimas tantas foram derramadas nesse chão.

Mais sei que meus olhos que um dia foram tão tristes.

Verão a alegria que não cabe em um só coração.

Laine⁷

⁷ Acadêmica do Curso de Farmácia da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná – UCP. Escritora de poesias e músicas desde os sete anos de idade.

ANTEONTEM

Anteontem, pensei em videiras mágicas,
brilhantes e serenas
e mais doces do que a própria lua;
Desaparece num piscar dos meus olhos.

Ontem, pensei em palmeiras,
ardentes e vermelhas
como o sopro quente do verão
E já esqueci o que ficou para trás.

Hoje, pensei na primeira,
amável e reluzente
como uma estrela incandescente
Com cores e traços nunca vistos, e jamais esquecidos,
E reacende a chama que julgava perdida.

Tiago Cozechen⁸

⁸ Mestre em Letras, poeta e escritor de contos.

DEPOIS

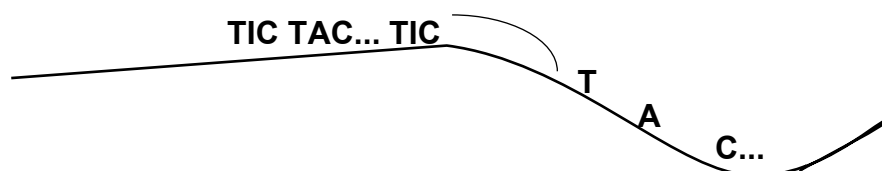
A gente guarda os sentimentos na caixinha de música
Guarda os sonhos nas prateleiras empoeiradas
Sorri enquanto relembra os momentos, nas fotos impressas
E vai vivendo a nostalgia do passado

Vai vivendo como dá...
Na correria do dia-a-dia
Entre buzinas de carros e semáforos fechados
Nos protocolos e regras
Nas responsabilidades cobradas

Enquanto isso...
TIC TAC...
TIC TAC...

Às vezes, o relógio até para
Mas o tempo não.
O tempo passa
O tempo é vivo, não espera

A vida é o trajeto...
Depois a gente muda e as coisas não são mais as mesmas
Pra hoje, a graça da vida...
Porque o depois...
Ah! O depois não existe!



Keila⁹

⁹ Natural de Presidente Prudente/SP, formada em Pedagogia e especialista em Neuropsicopedagogia.

VOZES DA INOCÊNCIA

Sofrida criança que trabalha,
que se arrisca por fome e medo,
queremos que tudo mude,
pra que viva feliz e que se cuide.

Triste adolescente,
alguém tão decente e inocente,
não sabe sua futura carreira,
e tem medo de cair a ladeira.

Forte criança e adolescente,
mentes vazias e inocentes,
que trabalham para sobreviver,
ou por medo de morrer.

Chega de trabalho infantil,
é hora de abrir os olhos e afastar
esse pensamento hostil.
O adolescente, agora sorridente,
sabe sua profissionalização
não vem das pessoas de fora,
mas sim do seu coração.

Um brinde à criança e ao adolescente,
que agora suas mentes maduras e decentes,
sabem o que querem.
E o que eles querem?
Viver sem as pessoas maldosas,
sem seguir ordens más e pecaminosas.

Glória à criança e ao adolescente,

agora alegres e sorridentes, sua saúde a salvo,
seu bem-estar um alvo do amor e sem dor.
Viva a lei que lhes protege das mãos más,
porque hoje podem seguir sua vida livre e em paz.

Kevin Ferreira¹⁰

¹⁰ Estudante do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo Vinícius de Moraes, de Nova Tebas.

A PALAVRA

A felicidade não me rende poesia...
eu rio, canto e danço com ousadia,
mas, não consigo escrever nem um pouco
(e sei que a maioria me chamaria de louco),
mas, para que o poeta seja bom escritor,
é necessário ao menos um pingo de dor...
porque a escrita é capaz de lavar a alma,
a palavra acalenta, conforta e acalma,
diminui a agonia escondida na mente,
dá suporte para entender o que sente...
e, no fundo, promove um fio de esperança,
ao nos recordar dos tempos de criança,
em que tudo no mundo era possível,
e apenas o joelho ralado era dor sofrível...
apaga da memória o coração partido,
e só nos relembra do amor vivido...
não julga, não sufoca e não condena,
e até da impossibilidade diminui a pena...
aproxima os amados que não estão perto,
encontra água em meio ao deserto,
para que, assim, de cara com a felicidade,
possamos nos esquecer da temida verdade:
quando, de novo, a tristeza nos encontrar,
a palavra sempre estará ali para nos consolar...

Lari Volf¹¹

¹¹ Escritora, Formada em Pedagogia e membro da Academia de Letras do Centro do Paraná.

AS TRANSIÇÕES DA CULTURA

A cultura através dos costumes e das tradições, em função da evolução tecnológica sistemática e ao avançado conhecimento, faz com que os moldes de um povo, de uma nação e de uma comunidade sofram rupturas, modificações que em muitos casos acabam em falência aos ideais antigos ou os renove em novos tempos de novos costumes.

A falência cultural advém de vários fatores e nas mais diferentes formas São vários os fatores que induzem a isso, como: a globalização, a urbanização, a falta de ideais, a falta de interação entre culturas e suas tradições, a má educação social/familiar, a intervenção estatal e suas mazelas, corrupção, entre outros.

Essas transições, nas perdas de culturas tradicionais, podem levar a tensões em comunidades, em empresas (pessoa jurídica) nos governos se não houver políticas sobre preservação e respeito à diversidade cultural, em especial (principalmente em empresas) na manutenção da visão e missão, de formas corretas e transparentes, diante das oportunidades de mercados competitivos e ágeis.

Lá estava eu, gerenciando uma carteira de clientes (empresas) tradicionais de um grande banco, num bairro tradicional de São Paulo (1988/1994). Analisava, mês a mês, o comportamento de cada uma dessas empresas. Financeiramente e à maneira de como vinham se comportando diante das mudanças tecnológicas, mercadológicas, administrativas e principalmente em relação à cultura do bairro e aos seus padrões culturais de formação (organização).

A maioria delas (empresas) tinham histórias particulares, fundadas no tempo da revolução industrial ou no ciclo econômico do café ou ainda, na transição cultural da política getulista. Essas empresas foram criadas e desenvolvidas por bisavôs ou avôs dos que a comandavam nesse tempo. Essas transições de pai para filho, para netos e alguns bisnetos, vinham sofrendo um processo de adaptação cultural/empresarial. A cultura do bairro se moldava aos padrões das empresas que sustentavam a economia do local. Essa transição de comando e ruptura cultural, facilitou e apressou o declínio empresarial no bairro.

Com o decorrer de alguns anos, com as mudanças tecnológicas e com novos rumos de administrações, muitas empresas patriarcais tiveram dificuldades de adaptação. As administrações tradicionais e conservadoras deram lugar para um reformismo que aboliu os fundamentos dos costumes, dos valores sociais e familiares, que eram os alicerces morais e respeitáveis de muitas empresas. O sangue novo, mas não oxigenado, impôs administrações mais arrojadadas, mais expansivas, mais liberal a

sócios e familiares, o que dava amplo poderes a ideias de novos tempos e em que, objetivos pessoais começaram a se misturar com os objetivos das empresas, ambos custeados pelos faturamentos comerciais. Aí está a quebra do elo que mantinha a maioria das empresas numa cultura tradicional a qual traduzia investimentos em ética, profissionalismo, dedicação, respeito e muito trabalho, em detrimento de uma cultura mais solta. Mais avançada e mais consumista do que produtiva. Era o início de uma falência cultural e de resultados negativos ocasionados, para muitas empresas, como para o bairro também.

As transições culturais apresentam muitos benefícios, porém, também apresentam muitos desafios, em razão de entendimentos diferenciados na prática e administração da valorização cultural em sua transformação. As empresas que souberam conciliar a cultura tradicional com as transformações culturais que o mercado empresarial exigia, mantendo-se os padrões morais e éticos, sobreviveram, se modernizaram e ganharam fatias de mercado deixadas pelas concordatas e falências de concorrentes. A cultura do bairro mudou.

A maioria das empresas tradicionais evaporaram aos ventos da transição cultural, cedendo lugar para aquelas que cultivavam a cultura de suas raízes e que se aprimoravam com o transitar de nova cultura, diante das inovações, mantendo-se a visão e a missão ancestral, mas mantendo-se o foco em um novo patamar cultural. As que assim não fizeram, pereceram diante das dificuldades. Certamente vocês devem estar se indagando, o que isso tudo tem a ver com a nossa cultura? Tem tudo a ver. Vivemos em transições culturais a cada instante, muito mais rápidas que as transições ocorridas em empresas. Vivemos uma espécie de cultura às avessas onde, atitudes erradas fazem parte de imposições à cultura, como um todo e esses costumes acabam se transformando em modelos epidêmicos de facilidades em se fazer riquezas e que tudo se pode, independente de leis e normas. Nossa cultura é moldada por hábitos que escondem as raízes culturais. Se foi o tempo em que cultura, nos verdadeiros valores morais e éticos, era a regra soberana, onde o respeito era valorizado, onde não havia muitos conhecimentos, mas se honrava a palavra dada como garantia de bom relacionamento social ou comercial.

As empresas que sucumbiram, através de seus comandantes, não souberam cultivar e manter as raízes culturais de suas fundações. Gerações assumiam e implantavam a cultura do poder, a cultura de cada necessidade pessoal, esquecendo-se das mudanças culturais de mercado e da sociedade consumidora. A pessoa jurídica sucumbiu ao negligenciar a cultura anterior em suas transições, abandonando

costumes, não levando-se em conta a diversidade cultural e seus aspectos influenciadores.

Cultura é um vocábulo amplo que engloba história, civilizações, artes, crenças, conhecimentos etc. Como as empresas citadas, temos negligenciado nossas raízes culturais que acabam no esquecimento, em troca de valores que nos são impostos por: novelas televisivas, palavreados indecentes, pelas letras musicais que nada inspiram a não ser confusão, pela difusão de drogas, pela sociedade capitalista, pela ganância de ter o poder e de poder ter, pelo fraco domínio das escritas e de suas interpretações, mudando pensamentos e atitudes que contaminam costumes originais e límpidos. Mas não podemos negligenciar que cultura letrada está se transformando, graças a tecnologia e sua influência por aquilo que é evolução científica, denominada Inteligência Artificial. Mas enfim, estamos perdendo espaços para robôs. Não deixamos de ser humanos e racionais, mas estamos ficando dependentes de máquinas e de programas adequados para um melhor viver. Certamente, cultura de um povo, de uma nação, se faz através de dons e com belezas que se conservam como patrimônio de uma história, seja pessoal ou grupal. Isso é o que foi pregado nos escritos sobre as histórias literárias de vários lendários escritores, em várias épocas, em várias regiões de nosso país. País de um povo de excepcional criatividade e de extrema potencialidade humanamente e culturalmente se falando.

Buchmann¹²

¹² Formado em Economia e Gestão Hospitalar. Membro da Academia de Letras do Centro do Paraná.

A VIDA

As vezes ela pode ser depressiva,
E apreensiva,
Mais é linda,

As vezes perde o frio na barriga,
Tudo vira agonia,
Acha que tudo é tanto faz,
Mas logo em seguida vem a paz,

Tem horas que você quase morre,
Mas sempre há um jeito de seguir,
A dor pode até deixar um corre,
Mas a vida insiste em te sorrir.

Amores passageiros passarão,
Te desanimarão,
E te machucarão,
Mas a luz no fim do túnel aparecerá,
E então, a vida há de brilhar,
Com novos sonhos a iluminar,
As feridas que um dia doeram,
Com o tempo vão cicatrizar.

O vento levará as mágoas,
E trará brisas de esperança,
Pois a vida, mesmo incerta,
Nos ensina a ser criança.

Os tombos farão parte,
Mas também farão crescer,
Cada lágrima caída

Traz mais força pra viver.

E quando olhar para trás,
Verá que tudo valeu,
Pois a vida é uma estrada,
Que sempre se renasceu.

Tizott¹³

¹³ Estudante do Ensino Médio de Pitanga.

MESTRES DA VIDA

Em cada sala, uma luz a brilhar,
Professores que ensinam a sonhar.
Com paciência e amor, moldam o futuro,
São guias e faróis em um mundo tão duro.

Com livros nas mãos e sorrisos no olhar,
Transformam o saber em arte de ensinar.
Cada lição é um tijolo na construção,
De mentes curiosas, repletas de emoção.

É mais que matéria; é vida que se entrega,
É o carinho que brota quando a mente se entrega.
Nos desafios diários, com coragem e fervor,
Plantam sementes de esperança e amor.

Vocês são faróis em mares de dúvida,
Guiando corações com luz da virtude.
Nos momentos de luta, de queda e de dor,
Vocês estão ali, oferecendo amor.

Com paciência infinita e abraços sinceros,
Transformam os desafios em sonhos inteiros.
Cada lição ensinada é um passo na vida,
E o saber que compartilham é joia querida.

Em suas vozes ecoam histórias antigas,
De conquistas e lutas, de vidas amigas.
Vocês nos ensinam a crer e a lutar,
A buscar no saber a força de amar.

E quando olhamos para trás, com saudade,

Sentimos no peito a imensa lealdade.

Por cada sorriso, por cada emoção,

Agradecemos do fundo do coração.

Professores queridos, nossa eterna gratidão,

Por serem luz e abrigo em nossa jornada e missão.

Na memória ficarão para sempre gravados,

Como aqueles que mudaram nossos destinos sonhados.

Vitória Marques¹⁴

¹⁴ Estudante do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo Vinícius de Moraes, de Nova Tebas. Atua como líder de turma, aluna protagonista e monitora.

IN MEMORIAM

É chegada a hora de partir
Como brisa leve ou vendaval
Em seu peito vai sentir
Compreensível medo racional
Em seu espelho não vou mais refletir
Nada além de saudade atemporal

Vai chorar, vai rir
Sentimento sem igual
Ao se levantar após cair
O sofrimento é real

E se eu te pedisse para ficar
Será que Deus permitiria?
Achei que teria um dia a mais para te amar
Agora choro enquanto lembro do quanto a gente ria

Tantas palavras não ditas
Afinal, eu tinha mais um dia...
E muitas outras mal ditas
Afinal, eu tinha mais um dia!

O beijo que não te dei
A mão que não estendi
O abraço que neguei
Agora digo que me arrependi!
E tudo para trás deixei
E digo a mim mesmo que dessa vez eu aprendi...

Salete Krieger¹⁵

¹⁵ Natural de Boa Ventura de São Roque/PR e acadêmica do Curso de Engenharia Agrônômica da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná – UCP.

A NOITE ME RECONHECE PELO NOME

Há noites em que caminho pela cidade
como quem atravessa a própria alma.
As luzes tardias tremeluzem sobre mim
e parecem compreender algo
que nenhum rosto diurno jamais entendeu:
que há um instante secreto
em que a solidão deixa de ser ausência
e se torna abrigo.

Eu a sinto surgir —
calma, inevitável,
como um velho pensamento que me persegue há anos.
E, quando ela me alcança,
não me pede nada,
não exige que eu sorria,
não tenta me tornar melhor
nem me oferece consolo barato.
A solidão apenas se senta ao meu lado
e respira comigo.
É por isso que confio nela
mais do que em qualquer voz humana.

Talvez eu tenha herdado essa tranquilidade estranha,
esse gosto pelo silêncio que anda descalço,
dos personagens trágicos que desafiam o mundo
só para descobrir que a verdadeira batalha
sempre foi com eles mesmos.
E, como eles, eu também encontro paz
no momento exato em que deixo de lutar
contra aquilo que sou.

A cidade, à essa hora,
parece uma confissão aberta.
As fachadas envelhecidas,

os becos úmidos,
as janelas ainda acesas sem motivo —
tudo se torna cúmplice da minha existência discreta.
E eu caminho leve,
quase dissolvida,
como se o ar finalmente tivesse me permitido
pertencer a algum lugar.

Há quem tema a solidão.
Mas eu a conheço profundamente demais
para temê-la.
Ela é minha testemunha silenciosa,
minha guardiã nas madrugadas,
minha paz mais íntima.
Com ela, não preciso representar,
não preciso ser a versão suportável de mim.
Basta existir.

E assim sigo, passo a passo,
sob o céu sem testemunhas,
onde até o vento fala baixo
para não perturbar o que encontro em mim.
E, nesse silêncio enorme,
onde tudo o que sou ecoa sem pressa,
eu enfim entendo:

não é que eu viva sozinha —
é que a noite me acompanha
melhor do que qualquer pessoa jamais acompanhou.

Zyo¹⁶

¹⁶ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná – UCP.

LEMBRANÇAS PERDIDAS

Como cada frame vivido,
Na memória registrado
Dos primeiros anos de vida,
Da infância, juventude, dos sonhos adultos
Realidade, frustrações, atitudes
Como fermento na massa
A criança cresce,
Elevo minha prece
Em êxtase minha felicidade floresce
Cada dia vivido,
Cada sonho realizado
Bons momentos compartilhados
Tudo no ontem,
Ficou no passado
Como um filme editado
Tempos, memórias
Lembranças perdidas.

Sidiney Batista de Lara¹⁷

¹⁷Natural de Irati/PR, possui formação em Ciências Contábeis e Pós-Graduação em Administração Pública pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Servidor público no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Pitanga; Membro do Conselho Municipal de Turismo da Cidade de Pitanga/PR. Artesão e Historiador no Museu da Agricultura Familiar João Bide. Apaixonado pela história da colonização e o modo simples de viver.

MONÓLOGOS COMIGO MESMO

Estou fechado

Às vezes gela

Bem isso

Mais aí é o coração, não as pernas

Verdade

Às vezes dá uma vontade de gritar

Quando o coração está aquecido, radiante, o corpo pega fogo

Mais tem os filhos, tem que segurar as pontas

Concordo plenamente

Mais não tem quem apague esse fogo

A controvérsias, rrsrs

Acho que vou me congelar para sempre

Daí menos sofrimento

Você que pensa....

Tem dias que bate aquela carência

Mas pra mim é difícil minha nossa

Tanto pra você como pra mim é tudo igual

Somos humanos

É de algumas formas sim, porque você é sincero nos seus juramentos...

Não sei bem como dizer

Razões e emoções

Uma ligada a outra

Às vezes eu penso, será que se surgir algo novo, será que eu vou ser capaz

Ou já perdi tudo

Estar vivo e saudável é a razão do viver...

Até isso acontecer, eu já era

Vontade de sentir, amar e ser amado é a emoção do viver...

Quem ama vive

Mais eu por falta de tudo, perdi o pouco que sabia

Quem vive não ama...

Coisas da poesia e dos poetas

Não entendi

Como não?

Quando você está amando, você está vivendo feliz....
Quando você não está feliz, não está amando... você só está vivendo..
Se fui amado, foi no presente
Eu só estou vivendo
Somos dois então
Ou eu nunca fui feliz e nem amado
Só estamos vivendo...
Amado por minha outra metade
Somos amados só por Deus
Acho que você me deu uma ótima ideia para Eu escrever alguma coisa nesse sentido
Esse será o assunto.
Nem sei qual você se Interessou
Ou só estamos de passagem...
Hum
Mas como você falou um dia
Foi erros nossos
Foi nossas escolhas erradas
Tipo isso
Sim, ou faltou a outra parte fazer a parte dela....
No meu caso foi as duas coisas
Não podemos nem brigar,
Não tem com quem
Pois foi burrice nossa
Pior que sim....
Verdade
Mas eu queria tanto usar a mini, sabedoria que eu ainda tenho, eu acho..
Você sabia que essas três frases dá um verso de uma poesia
Legal

Olha outra frase linda
Mas você já escreveu seu novo livro
Falar nisso
Sim, mais um capítulo que deve sair agora por esses dias

Sei não, quero ver ainda em ordem esse seu livro
O meu livro mesmo está parado agora...
Sem ânimo para escrever

Que bom, parabéns que Deus abençoe sempre você
O meu livro vai ficar parado sempre
Não, você escreve e lê ele todos os dias da tua vida
Poucos sabem apreciar suas qualidades...
Parece que eu ainda consigo dar o meu melhor para alguém que me amar
Só tudo tem um ponto final
Sim, com hora e data certa....
Viu como nós dois estamos filosofando
Pensar e falar da vida não precisa de estudo....
Para alguns, parece que eu tenho tudo, mas só quem vive em mim para ver o que
tenho falta
Você sabe,
Precisa de experiência de vida...
Verdade né
Você ainda dá valor, ou seja nota para essas palavras, você é sábio, inteligente
O lado bom de viver está em muitas coisas...
Nós não nos enxergamos muitas vezes.
Para decifrar palavras tem que ter inteligência como você
Você é o meu melhor
Não é pra tanto
O papo está bom mais vou dormir

Descansar os meus sonhos
Amém por mim e por você também
Cuida dessas pernas pra não passar frio
Pode deixar comigo

Meu migo.

Sidiney Batista de Lara ¹⁸

¹⁸ Natural de Irati/PR, possui formação em Ciências Contábeis e Pós-Graduação em Administração Pública pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Servidor público no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Pitanga; Membro do Conselho Municipal de Turismo da Cidade de Pitanga/PR. Artesão e Historiador no Museu da Agricultura Familiar João Bide. Apaixonado pela história da colonização e o modo simples de viver.